

VI CONGRESSO INTERNO DO INSTITUTO PSICOLOGIA DA USP

CORPO E ALMA DA METRÓPOLE: DIÁLOGOS COM A CIDADE DE SÃO PAULO À LUZ DA PSICOLOGIA ARQUETÍPICA

Guilherme Scandiucci

Contato com o autor: guilhermes@usp.br

Orientadora: Prof^a Dr^a Laura Villares de Freitas

Programa de Pós-Graduação: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Nível do Trabalho: Doutorado

Introdução: A metrópole é por excelência um *locus* privilegiado da convivência e da diversidade. Pode ser enxergada como um arquétipo primário da vida em comunidade. A partir do paradigma cultural pós-Iluminista, tendemos a compreender as cidades em termos de suas formas e estruturas físicas. James Hillman (1993) lança uma nova luz ao entendimento das forças vitais subjacentes ao mundo que nos rodeia. *Anima mundi* seria o mundo “almado”, e não somente material ou morto, ou simplesmente uma espécie de pano de fundo no qual a subjetividade se manifesta. É fundamental que a psicologia se posicione frente aos problemas psicossociais que enfrentamos contemporaneamente na vida urbana, podendo apontar para possíveis modos de se potencializar a psique da e na cidade como espaço público.

Objetivo: A pesquisa insere-se no debate acerca das possibilidades do *fazer-alma* e dos aspectos ligados ao patologizar (Hillman, 2010) na cidade contemporânea, bem como dos fenômenos urbanos do grafite e da pichação, a partir de autores oriundos da psicologia analítica.

Método: Revisão bibliográfica crítica: a) das produções relacionadas aos temas eleitos, dentro das tradições teóricas definidas; b) das produções nas quais os conceitos norteadores da pesquisa estão expostos ou discutidos. Coleta dos dados: a) observação e registro fotográfico de grafites e pichações; b) entrevistas semi-dirigidas com pessoas envolvidas diretamente com a produção de grafites e pichações. Trata-se de um olhar através do *imaginal* sobre a cidade e os fenômenos urbanos, sendo as entrevistas dados complementares, de maior objetividade.

Resultados parciais: A pichação desagrada, incomoda, vai para bem além do costumeiramente aceitável. Entretanto, mensagens da alma podem ser “decifradas” de alguma forma. O sintoma pode ser desliteralizado ou metaforizado, reimaginado, encarado de outras formas, ou pode compor nossas ficções. E o “pixo” também pode. Se pudermos *ver através*, na expressão hillmaniana, podemos enxergar além do feio e do sujo que deve ser eliminado. Não se trata de querer ver ali uma beleza agradável, mas há jovens que se destacam e “criam” um mundo complexo.

Considerações finais: Os “pixos” são ao mesmo tempo feios e extraordinários, eles sujam e dão vida à cidade, enraivecem uns e dão um sentido para a vida de outros. É lixo e é arte, assombra e encantam, tiram do sério. Afinal, é transgressão – com tudo o que uma verdadeira transgressão acarreta, incluindo medo e fascínio. É o

patologizar da cidade de São Paulo, em tintas carregadas, a alma *in extremis*: temos de temê-la, mas sem nos afastarmos dela.

Palavras-chave: Ambientes urbanos. Alma. Hillman, James, 1926-2011. Psicologia Junguiana.

Agência financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Trabalho apresentado na *Fourth International Academic Conference of Analytical Psychology & Jungian Studies*, Braga, Portugal, 18 a 21 de julho de 2012.